

Maria Luiza Damasceno
Lucinha Cabral

Tia Tetê


histórias e lendas amazônicas



CULTURA



Edições
Governo do Estado



Ainda composta dos meus pais, de quatro filhos (dois meninos e duas meninas), tia Tetê e da Isa (uma prima de minha mãe), a família veio do interior do Amazonas, do município de Eirunepé, para Manaus, após as consequências da derrocada da economia da borracha (lá pelo final da década de 1940).

Já em Manaus, a família foi acrescida de mais de duas meninas (eu e minha irmã mais nova).

Os mais velhos da família sempre nos explicaram que, após o declínio da economia da borracha, o interior tornou-se inviável de se viver, principalmente no interior dos seringais – no caso da minha família, o seringal Assaituba, no qual “nascia e morria um rio” de tão grande que era, segundo descrição de meu pai.

A Manaus de nossa infância era uma cidade pobre e distante dos centros mais desenvolvidos do país. Os serviços públicos eram precários, uma vez que havia até mesmo falta de energia nas residências e logradouros públicos. Televisão, nem pensar!

E assim, uma de nossas maiores distrações era a de nos reunir, logo depois do jantar, para ouvir histórias contadas por tia Tetê.

Tia Tetê possuía um espírito nobre. Aos quarenta anos de idade ficou completamente cega e, esse fato, ao invés de abatê-la, fez com que desenvolvesse os seus outros sentidos para continuar participando ativamente da vida.

Assim, ela se tornou uma pessoa imprescindível no decorrer do nosso desenvolvimento. Qualquer susto, medo, desentendimento ou tristeza, ela estava por perto para apaziguar ou consolar.

Antes de ficar cega, ela era uma ardente admiradora dos livros. Conhecia profundamente a história do Velho Mundo.

Cresci ouvindo a história dos reinados de França, da Revolução Francesa, de Maria Antonieta (a última rainha da França durante o reinado de Luís XVI no século 18), que ficou da noite para o dia com seus cabelos totalmente brancos na véspera de sua morte, condenada à guilhotina.

Ouvia também todas as histórias “Das mil e uma Noites”, além das lendas e histórias do interior do Amazonas.

Nossa família, como a maioria das pessoas vindas do interior do Amazonas, era pobre, mas com sólidos princípios de dignidade.

Os mais velhos, meu pai, minha mãe, tia Tetê e Isa já haviam experimentado a sorte da fortuna durante o apogeu da economia da borracha. Esse período de pobreza, para eles, era apenas uma fase que seria superada com o trabalho digno e a educação dos filhos.

Voltando ao tema deste livro, tia Tetê gostava de estar rodeada de crianças e de contar histórias. Todos os finais de tarde, já era um costume: nós, na família, mais as crianças da vizinhança, reuníamos-nos em volta de sua rede e passávamos a escutá-la atentamente.



Tia Teté

histórias e lendas

AMAZÔNICAS



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS

OMAR AZIZ

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

JOSÉ MELO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

ROBÉRIO BRAGA

SECRETARIA-EXECUTIVA

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br

Maria Luiza Damasceno

Tia Teté

Histórias e lendas
AMAZÔNICAS

CULTURA



Edições
Governo do Estado

© Maria Luíza Damasceno, 2012

EDITOR ¶ **Antônio Ausier Ramos**

SUPERVISÃO EDITORIAL ¶ **Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA ¶ **Ângelo Lopes**

ILUSTRAÇÕES ¶ **Lúcia Maria Cabral**

PROJETO GRÁFICO ¶ **Andre Martins**

REVISÃO ¶ **Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO ¶ **Ediana Palma**

D155t Damasceno, Maria Luíza.


Tia Teté: histórias e lendas amazônicas / Maria Luíza Damasceno;
Lúcia Maria Cabral (il.) – Manaus: Governo do Estado do Amazonas
– Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

48p. : il. ; 15x21cm.
Inclui Preâmbulo.

ISBN 978-85-64218-26-0

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Lendas Amazônicas. I. Cabral,
Lúcia Maria (il.). II. Título.

CDD 809.89282
CDU o87.5:82-34



Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.



Sumário

APRESENTAÇÃO	09
PREÂMBULO	13
A CRIAÇÃO DO RIO AMAZONAS	15
A LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA	19
A LENDA DO GUARANÁ	22
O JABUTI E O URUBU: UMA FESTA NO CÉU	27
A MÃE DA SERINGUEIRA	31
A LENDA DO FOGO	35
O JACARÉ E A ONÇA	38
A LENDA DO UIRAPURU	42



APRESENTAÇÃO

Tia Teté: histórias e lendas amazônicas, da autora Maria Luiza Damasceno, é um livro que se lê com gosto, com prazer, a autora nos leva ao passado, no final da opulência que o ciclo da borracha trouxe ao Amazonas, e nos faz lembrar através de Tia Teté, as lendas maravilhosas e conto de igapós. “No tempo em que os bichos falavam, Tupã (o deus supremo dos índios) resolveu oferecer uma festa no céu...” Na página 28 lê-se o seguinte: “Na sexta-feira, ou seja, no penúltimo dia do ritual, além do perfume e do vento frio e envolvente, hora de recolher as cabaças cheias de seiva ele encontrou em cada uma delas, uma linda flor branca..”

E assim, a escritora nos leva em um passeio pelas trilhas do mato, pelos igarapés, pelos seringais e rios caudalosos até Manaus, onde a família Damasceno enfrenta as lutas e constroe com dignidade um próspero futuro.

Assim Maria Luiza Damasceno relembra com riqueza de detalhes, nossas lendas, histórias e costumes na voz serena e aveludada de Tia Teté.

Siga em frente Maria Luiza, não deixando apagar na nossa lembrança quem somos e de onde viemos.

Quem sente o pulsar do coração da Amazônia, com seus mistérios e lendas e quem consegue lembrar uma noite de chuva no interior e o doce sorriso e o amor de uma tia Teté, deve continuar passando aos leitores a nossa vivência e isso a autora faz, escreve e descreve muito bem.

Parabéns Maria Luiza,
Cacilda Barboza







PREÂMBULO

Rachel Guilherme de Mello era o nome da minha tia-avó (Tia Teté – para seus sobrinhos-netos).

Ainda composta dos meus pais, de quatro filhos (dois meninos e duas meninas), tia Teté e da Isa (uma prima de minha mãe), a família veio do interior do Amazonas, do Município de Eirunepé para Manaus, após as consequências da derrocada da economia da borracha (lá pelo final da década de 1940).

Já em Manaus, a família foi acrescida de mais duas meninas (eu e minha irmã mais nova).

Os mais velhos da família sempre nos explicaram que após o declínio da economia da borracha, o interior tornou-se inviável de se viver, principalmente no interior dos seringais – no caso da minha família, o seringal Assaituba, no qual “nascia e morria um rio” de tão grande que era, segundo descrição de meu pai.

A Manaus de nossa infância era uma cidade pobre e distante dos centros mais desenvolvidos do País. Os serviços públicos eram precários, uma vez que havia até mesmo falta de energia nas residências e logradouros públicos. Televisão, nem pensar!

E assim, uma de nossas maiores distrações era a de nos reunir, logo depois do jantar, para ouvir histórias contadas por Tia Teté.

Tia Teté possuía um espírito nobre. Aos quarenta anos de idade ficou completamente cega e, esse fato, ao invés de abatê-la, fez com que desenvolvesse os seus outros sentidos para continuar participando ativamente da vida.

Assim, ela se tornou uma pessoa imprescindível no decorrer do nosso desenvolvimento. Qualquer susto, medo, desentendimento ou tristeza, ela estava por perto para apaziguar ou consolar.

Antes de ficar cega, ela era uma ardente admiradora dos livros. Conhecia profundamente a história do Velho Mundo.

Cresci ouvindo a história dos reinados de França, da Revolução Francesa, de Maria Antonieta (a última rainha da França durante o reinado de Luís XVI no século XVIII), que ficou da noite para o dia com seus cabelos totalmente brancos na véspera de sua morte, condenada à guilhotina.

Ouvia também todas as histórias “Das mil e uma Noites”, além das lendas e histórias do interior do Amazonas.

Nossa família, como a maioria das pessoas vindas do interior do Amazonas, era pobre, mas com sólidos princípios de dignidade.

Os mais velhos, meu pai, minha mãe, Tia Teté e Isa já haviam experimentado a sorte da fortuna durante o apogeu da economia da borracha. Esse período de pobreza, para eles, era apenas uma fase que seria superada com o trabalho digno e a educação dos filhos.

Voltando ao tema deste livro, Tia Teté gostava de estar rodeada de crianças e de contar histórias. Todos os finais de tarde, já era um costume: nós, na família, mais as crianças da vizinhança, reuníamos-nos em volta de sua rede e passávamos a escutá-la atentamente.

A CRIAÇÃO DO RIO AMAZONAS

Na noite anterior, Tia Teté havia nos prometido que contaria a lenda de “a criação do Rio Amazonas”.

Quando todos já haviam chegado, e nós éramos cerca de dez a doze crianças, Tia Teté perguntou:

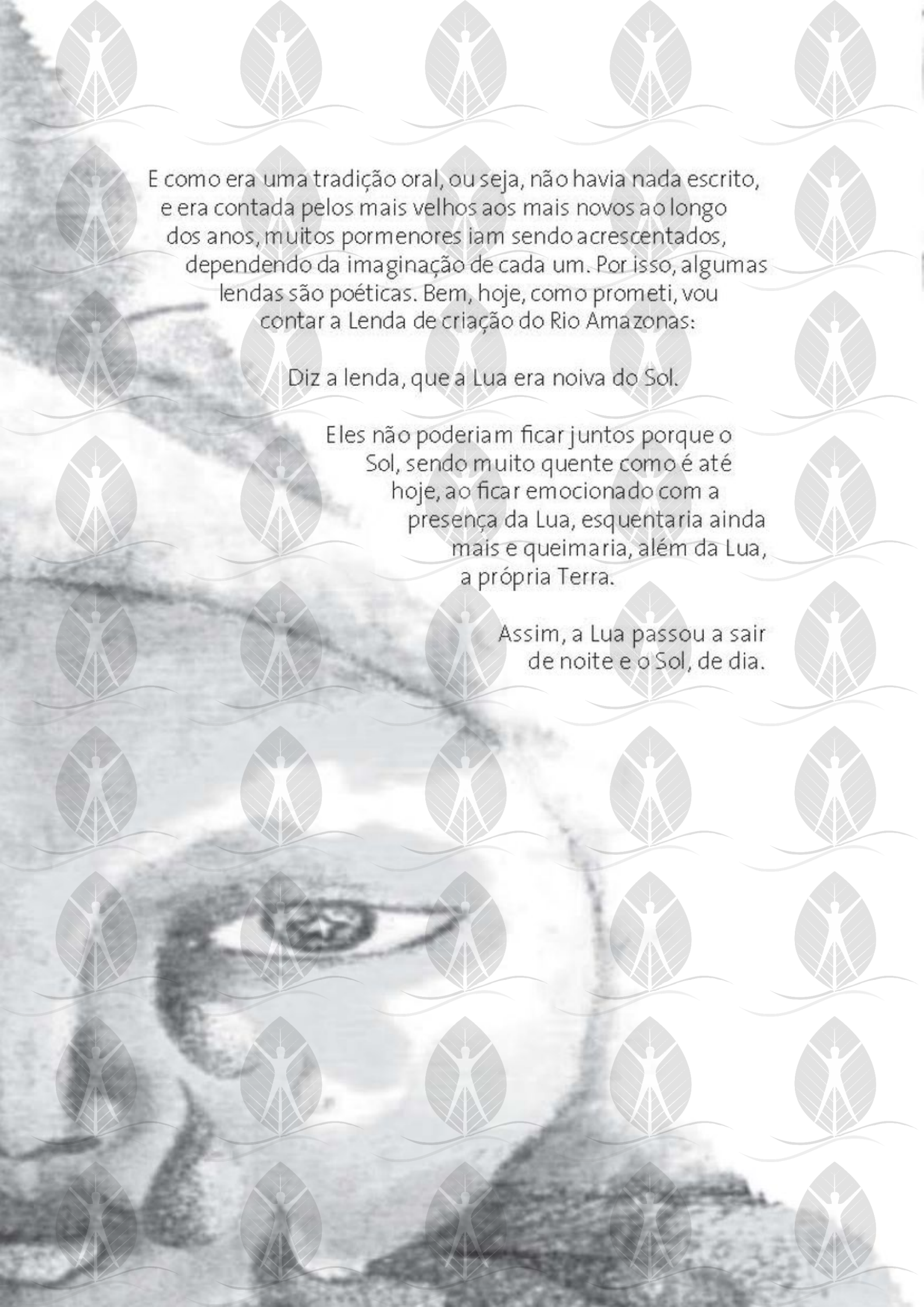
– Vocês sabem o que é uma lenda?

O Zeca logo respondeu:

– Eu sei. É uma história muito antiga.

Tia Teté complementou:

– Além de ser antiga, Zeca, era uma forma encontrada pelos homens de antigamente, que não possuíam ainda o recurso dos conhecimentos científicos, de explicar os fenômenos da natureza.




E como era uma tradição oral, ou seja, não havia nada escrito, e era contada pelos mais velhos aos mais novos ao longo dos anos, muitos pormenores iam sendo acrescentados, dependendo da imaginação de cada um. Por isso, algumas lendas são poéticas. Bem, hoje, como prometi, vou contar a Lenda de criação do Rio Amazonas:

Diz a lenda, que a Lua era noiva do Sol.

Eles não poderiam ficar juntos porque o Sol, sendo muito quente como é até hoje, ao ficar emocionado com a presença da Lua, esquentaria ainda mais e queimaria, além da Lua, a própria Terra.

Assim, a Lua passou a sair de noite e o Sol, de dia.



A Lua muito triste porque sentia saudade do Sol, começou a chorar. E chorou tanto, que suas lágrimas correram pela Terra, até encontrar o mar.

O mar não quis que as lágrimas da Lua se misturassem com as suas águas. Assim, as lágrimas da Lua formaram o Rio Amazonas.

Rita, que era menina muito inteligente, comentou:

– Bem que a senhora falou, Tia Teté, que algumas lendas eram bastante poéticas. É bem bonito pensar que o nosso Rio Amazonas foi formado pelas lágrimas da Lua. Eu achei linda essa lenda!

Minha irmã mais nova, a Ivana, que adorava ouvir histórias, foi logo pedindo:

– Conte outra lenda, Tia Teté.

Tia Teté respondeu:

– Já está ficando tarde e toda criança deve dormir cedo para crescer e se tornar saudável. Amanhã, eu prometo contar a Lenda da Vitória-Régia. Boa Noite, crianças!



A LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA

Estávamos apenas esperando a chegada do Carlinhos. Tia Teté já havia perguntado por ele.

– Por que o Carlinhos ainda não chegou, ele não é sempre um dos primeiros?

A Ivana, que era uma de suas melhores amigas, explicou:

– Está acabando de fazer a tarefa da escola, Tia Teté. Ele pediu que o esperasse porque não quer perder nem um pedacinho da história.

Mal acabou de falar, e Carlinhos chegou correndo.

– Já começou a contar a história, tia Teté?

– Estávamos esperando por você, Carlinhos. Bem, vamos, então, conhecer a Lenda da Vitória-Régia.

Existia uma linda e jovem índia apaixonada pela Lua, por acreditar que ela era um belo e corajoso guerreiro.

Toda as noites de Lua cheia, essa jovem índia procurava as grandes elevações na esperança de poder chegar mais perto do seu amado e assim poder tocá-lo.

Numa dessas noites, ela se encontrava à beira de um lago de águas límpidas, o qual espelhava magnificamente o céu azul e estrelado. A imagem da Lua era tão perfeita, que a jovem teve a ilusão de que o astro estava a banhar-se no lago, convidando-a a acompanhá-lo.

Assim, levada pela sua paixão, a moça jogou-se no lago ao seu encontro, desaparecendo em seguida.

A Lua, que os índios chamavam de Iaci, compadecendo-se da linda cunhã (era assim que os índios chamavam as moças da tribo) transformou-a na conhecida flor que é a Vitória-Régia, também conhecida como “estrela das águas”.

Assim que a Tia Teté acabou de contar a lenda, o Zeca perguntou:

– Os índios acreditavam que a Lua tivesse esse poder?

Tia Teté respondeu:

– Não só a Lua, como o Sol, o raio... enfim, todas as forças da natureza. Vocês devem sempre ter em mente, que os povos mais antigos, não somente os índios, não contavam com o conhecimento científico, que começou a ser realmente sistematizado a partir do século XV.

Portanto, durante milhares de anos os homens contavam apenas com o conhecimento empírico, que significa o conhecimento baseado apenas em sua experiência. Assim, tentavam explicar o mundo por meio de sua imaginação. E o resultado é que temos um vasto lendário amazônico, ou seja, o Amazonas é repleto de lendas.

E amanhã, Tia Teté, qual a lenda que a senhora vai nos contar? – perguntou Ivana.

– Vocês já conheceram a Lenda do Guaraná?

– Não!!! – respondemos em coro.

– Pois bem! Amanhã, eu contarei a Lenda do Guaraná. É uma história um pouco triste, como a maioria das lendas, mas vocês já sabem o que é uma lenda, portanto, não fiquem impressionados, está bem? Boa noite, crianças!



A LENDA DO GUARANÁ

Na noite seguinte, Tia Teté perguntou:

– Quem gosta de guaraná?

– Eu!!! – todos responderam.

– Vocês conhecem a fruta do guaraná, de onde essa nossa bebida é originária?

Meu irmão mais velho, o Glacimar, já mais crescidinho, e que nem sempre estava conosco por já ter outros interesses, respondeu:

– Umas das fábricas locais de guaraná coloca a fotografia da fruta no seu rótulo, Tia Teté.

Ah! Então vocês já conhecem. Ao prestarem atenção, viram que a fruta do guaraná lembra um olho humano. E é por isso que a lenda, como falei ontem, é muito triste.

– Não se preocupe conosco, Tia Teté. Nós sabemos o que é uma lenda. Não vamos ficar impressionados – disse a Dalvinha, minha irmã mais velha.

Conta a lenda, que a tribo dos maués (uma das tribos situada no estado do Amazonas) era muito próspera. Além de vencer as guerras, não faltava aos componentes da tribo alimentação, porque as colheitas eram fartas e a pesca, abundante. Eram guerreiros muito fortes e saudáveis.

Toda essa prosperidade era atribuída à presença de um menino (curumim) na tribo. Desde que ele nascera, a tribo passou a viver esse bem-estar. Assim, era natural que todos

tivessem muito cuidado com ele, evitando todos os perigos naturais da selva.

Jurupai, o gênio do mal, vivia esperando uma oportunidade para levar o curumim, e assim prejudicar a tribo. Como gênio do mal, Jurupai não suportava ver tanta felicidade. E esse dia chegou: foi só acontecer um pequeno descuido, disfarçado em cascavel, picou o curumim.

Tupã, o deus supremo dos indígenas, penalizado com as lamentação da tribo, assim falou:

– Enterrem a criança em terra firme, reguem o seu túmulo com lágrimas, que de seus olhos nascerá a “planta da vida”.

Assim eles fizeram durante quatro luas (quatro meses), só então nascendo, pela primeira vez, uma planta alegre como o curumim. E quando frutificou, seus frutos de negro azeviche, envoltos no arilo branco e embutido em duas cápsulas vermelho-vivas, eram sem dúvidas a multiplicação milagrosa dos olhos do príncipe maué.

Essa lenda é mesmo muito triste, Tia Teté! O menino, que era a alegria e a sorte da tribo, teve que morrer para nascer o guaraná – disse a Dalvinha.

– Pois é! Mas lembrem-se. Como eu falei antes, essa é apenas mais uma lenda, ou seja, é uma forma de explicar a existência de um produto tão importante para a cultura indígena, como é o guaraná.

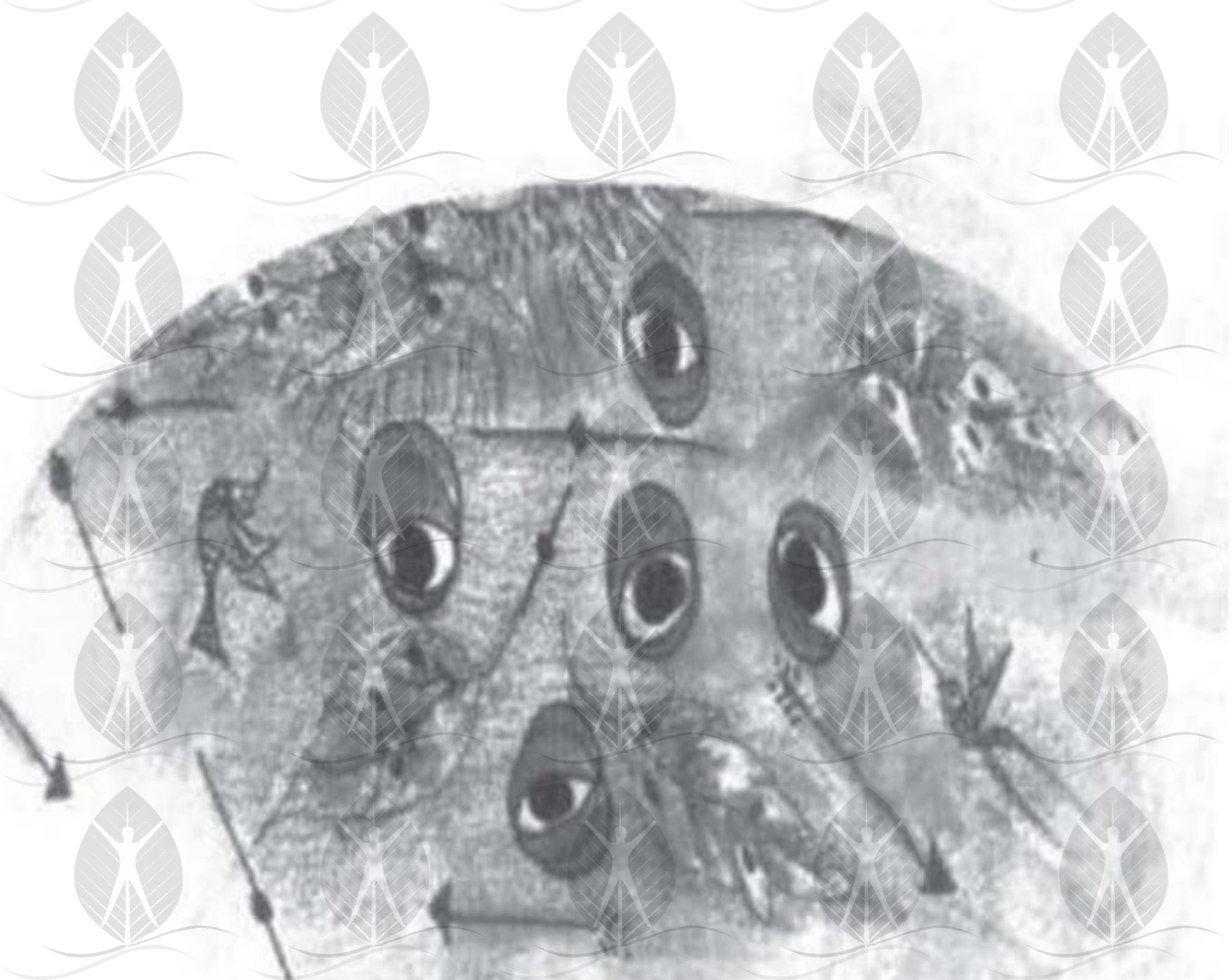
Será por causa dessa tribo que existe Maués, o município amazonense denominado de “a terra do guaraná”? Inclusive, existe todo anos, em Maués, a festa do guaraná, não é mesmo, Tia Teté? – perguntou Glacimar.

– Isso mesmo, Glacimar. Essa tribo vivia naquela área. O nome do município amazonense é uma homenagem à tribo dos índios maués. Procurem localizar esse município no mapa do estado do Amazonas, crianças. Assim vocês ficarão conhecendo, não só um pouco da cultura do nosso estado, mas também a sua geografia.

Ivana, a mais nova do grupo, falou:

– Tia Teté, conte outra lenda!

– Vocês sabem por que o Jabuti tem o caso todo remendado? Amanhã vou contar para vocês sobre certa festa no céu. Boa-noite, crianças!







O JABUTI E O URUBU: UMA FESTA NO CÉU

Era um dia de sábado. As crianças, logo depois do almoço, já estavam brincando.

Zera teve a idéia de pedir para a Tia Teté contar uma história, mas a Dalvinha contestou:

– Ainda é muito cedo. A Tia Teté, sempre que a procuramos nesse horário, diz: “quem conta história de dia, cria rabo”.

– Eu não acredito nisso – disse a Inês. Vamos perguntar a ela, se é mesmo verdade?

– Tia Teté explicou que esse era um ditado popular muito antigo. E a existência dele talvez decorresse do fato de que as pessoas têm alguns deveres para cumprir de dia. As crianças, por exemplo, têm de estudar e fazer todas as suas tarefas. Assim, ela nos disse para voltarmos depois do jantar.

Logo mais, à noite, todos reunidos, Tia Teté nos contou:

No tempo em que os bichos falavam, Tupã (o deus supremo dos índios) resolveu oferecer uma festa no céu. Mas convidou somente as aves, porque apenas elas possuíam asas.

O jabuti, que nesse tempo tinha o casco todo liso e inteiro, ficou doidinho para também participar da festa. Pediu, implorou para que as aves o levassem, sem resultado. Por fim, procurou o urubu, que era um dos convidados mais importantes, por seu um dos músicos que tocariam na festa:

– Compadre urubu, leve-me com o senhor para a festa, por favor!

O urubu respondeu:

– Impossível, compadre jabuti! Além de o senhor não ter sido convidado, ainda tenho de voar com o meu instrumento musical. Eu não aguentaria tanto peso numa viagem tão longa.

O jabuti, então, teve uma idéia: escondeu-se no instrumento musical do urubu, que era um enorme violoncelo.

O urubu, apressado e eufórico, pegou o violoncelo e empreendeu a viagem. Quando já estava perto de chegar ao céu, sentiu-se muito cansado porque o violoncelo estava pesado demais. Só então desconfiou de que havia algo diferente. Muito irritado, resolveu balançar o violão e o jabuti foi atirado de uma enorme altura, caindo estrondosamente no chão, ficando todo em pedaços, coitado!

Tupã, apiedando-se do pobre animal, colocou pedaço por pedaço do jabuti, restituindo-lhe a vida. Mas as marcas daquela queda jamais desapareceram. E é por isso que o jabuti tem o casco todo remendado:

Zeca foi logo comentando:

– Que imaginação a desse povo, hein? Uma festa no céu! Será que só assim se poderia explicar o porquê do casco do jabuti ter aquela aparência?

– Pode até ser que se encontrasse outra explicação, mas penso que essa seja muito mais interessante e conhecida. Vocês ainda não a tinham ouvido? – perguntou Tia Teté.

Sim, eu pelo menos já conhecia, mas não cansava de ouvir a Tia Teté contar as suas histórias. Assim, pedi-lhe que, na próxima vez, contasse uma história que se tivesse passado

no seringal, em Eirunepé. Uma história vivida e contada nos seringais, quando a borracha era a nossa principal riqueza.

– Amanhã, então eu contarei uma história sobre a Mãe da Seringueira. Essa história aconteceu lá no seringal Assaituba, propriedade da família onde nós morávamos.



A MÃE DA SERINGUEIRA

Era Uma noite chuvosa. Assim mesmo, o grupo de crianças já se encontrava reunido, esperando que a Tia Teté começasse a contar histórias.

Algumas crianças, fora as da família, estavam ansiosas em conhecer um pouco o local de onde veio a nossa família. Já haviam feito muitas perguntas. Então, ela nos contou o seguinte:

– Durante sessenta anos, de 1850 até 1910, o estado do Amazonas viveu o auge do ciclo da borracha. No auge desse extrativismo da borracha, Manaus conheceu dias de glória, proporcionados pela grande riqueza, que só alguns estados da Amazônia possuíam e exportavam para outros países. Foi uma das primeiras cidades do país a possuir energia elétrica, além de bonde, praças urbanizadas e porto.

– É dessa época, também, a construção do Teatro Amazonas, não é? – pergunta a Rita.

– Não só o Teatro Amazonas, como também de outras edificações mais antigas, situadas no centro da cidade. Por exemplo, o prédio da Alfândega, o Tribunal de Justiça, o Mercado Municipal...

– Tia Teté, conte logo a história da Mãe da Seringueira! – pediu Inês.

– Calma, Inês. O Zeca, a Rita e o Glacimar ainda querem saber por que houve a decadência do ciclo da borracha. E você também deveria estar interessada. É muito importante conhecer a nossa história.

Pois bem, essa decadência deveu-se, principalmente, à plantação racional de seringueiras no Oriente, proporcionada pelos ingleses. E o pior é que foi com mudas levadas daqui, da Amazônia. Cingapura, por exemplo, por meio da plantação racional de seringais, em dez anos, estava produzindo cinco vezes mais borracha que o Brasil.

– Isso mesmo, Tia Teté! A minha professora falou que aqui, no estado do Amazonas, os seringais eram nativos, ou seja, eram naturais. Ninguém os plantou. Os ingleses, então, levaram mudas daqui para o Oriente, passando a competir de maneira bem superior com os nossos seringais nativos – complementou a Dalvinha.

Tia Teté ainda nos contou que os seringais eram divididos em “estradas”, formadas por um grupo de seringueiras. Cada “estrada”, ou grupo delas, era explorada por determinado seringueiro. E assim, chegamos à história:

Um seringueiro, que possuía muita coragem, ouvira dos mais velhos que, seguindo um determinado ritual, seria possível conhecer a mãe da seringueira.

O ritual era para ser assim procedido: durante sete noites de sexta-feira, ele teria de percorrer o caminho inverso do habitual, ou seja, ao riscar as seringueiras para ali colocar as cabaças recolhedoras da seiva, teria de começar do fim para o início da estrada, a qual lhe era reservada. Era-lhe também exigido que tivesse bons pensamentos e que usasse roupa clara, branca de preferência.

Assim aquele seringueiro procedeu. Na primeira sexta-feira, nada aconteceu de especial. Também na segunda e na terceira. Porém, a partir da quarta noite, quando ele já se encontrava descrente, durante todo o percurso sentia um perfume diferente e muito agradável. Assim aconteceu na quinta noite, acrescentando-se, também, um vento frio e

envolvente, que apagava constantemente a poronga (espécie de lamparina, com proteção contra vento e a chuva, utilizada pelo caboclo durante suas atividades na mata).

Na sexta-feira, ou seja, no penúltimo dia do ritual, além do perfume e do vento frio e envolvente, na hora de recolher as cabaças cheias de seiva, ele encontrou, em cada uma delas, uma linda flor branca, de onde se originava aquele maravilhoso perfume.

Não suportando mais de curiosidade, a Ivana perguntou ansiosamente:

– Ele foi até o fim? Ele viu mesmo a mãe da seringueira, Tia Teté?

Com o suspense que sempre acompanhava suas histórias, Tia Teté custou um pouco a responder:

– A partir daquele dia, a coragem do seringueiro acabou. Ele contava que sentia enormes arrepios e que jamais poderia prosseguir no seu intento. Mas falava, também, que não conseguia esquecer aquele perfume e, no seu pensamento, de vez em quando, vinha-lhe a imagem de uma mulher de rara beleza, vestida de branco, a sorrir e lhe estender as mãos. Mudou até de estrada, passando a trabalhar em outro seringal.

A chuva passara. Tia Teté nos desejou uma boa-noite, e fomos dormir embaladas pela imagem da linda mulher, que seria a mãe da seringueira.



A LENDA DO FOGO

Na noite anterior, Tia Teté havia perguntado se conhecíamos o Mutum e o Jacu, duas aves existentes na

Amazônia. Alguns de nós, crianças nascidas e criadas em Manaus, jamais tínhamos ouvido falar nesses pássaros. Meus irmãos mais velhos, porém, nascidos no interior, os conheciam muito bem.

O Glacimar foi logo dizendo:

– Se vocês tivessem morado no interior, já teriam até comido essas aves.

– Provavelmente, porque a carne dessas aves é muito apreciada pelo homem interiorano – complementou a Tia Teté.

Ela também nos explicou que o Mutum e o Jacu são duas aves de bico e pés vermelhos. O jacu, além disso, tem uma mancha da mesma cor, na parte inferior do pescoço.

– Mediante essa lenda, vocês verão que os índios, não só encontraram explicação para a cor desses atributos das aves, como também para a origem do fogo.

É a lenda do fogo, dos índios apinagés. Os índios queriam utilizar o fogo, mas este pertencia à onça. Assim, os apinagés tiveram que busca-lo na toca da onça, que morava bem distante daquela tribo.

Os índios sabiam que seria muito perigoso trazer o fogo aceso porque as brasas poderiam cair e incendiar a floresta, exterminando a caça. Pediram, portanto, a ajuda das aves,

que goram todas com eles. Cada brasa que caísse, as aves apanhariam, evitando, desse modo, a destruição da floresta. E assim foi feito: as brasas, porém, caíram nos pés do mutum e do jacu. Dessa forma, as brasas queimaram seus bicos, tornando-os da cor vermelha.

O jacu ainda foi mais infeliz: engoliu brasa, que ficou presa em sua garganta. E é por isso que essa ave tem uma mancha vermelha na parte inferior do pescoço.

Tia Teté achou muito engraçado, quando o Zeca comentou:

– Esses meninos têm medo até de borboletas. Também... eles não conhecem, nem são acostumados com os animais, não é? A senhora precisa ver a gritaria que fazem quando veem qualquer inseto um pouco diferente.

– Isso é natural, Zeca. Eles nasceram e cresceram na cidade, portanto, longe da floresta. Vamos dormir? Boa noite!

– E amanhã, Tia Teté? Qual é a história que a senhora vai nos contar? – perguntou a Ivana.

Tia Teté ficou pensativa, mas logo falou:

– Amanhã, eu vou contar a história “o jacaré e a onça”, mas, hoje, já está na hora de vocês irem para suas casas, porque têm de acordar cedinho, para não chegarem tarde à escola.



O JACARÉ E A ONÇA

Estávamos no mês de junho, época das festas juninas. E talvez, por isso, Tia Teté lembrou-se de uma fato curioso, que faz parte da crença popular, principalmente no interior do Amazonas.

– Vocês já foram algumas vezes ao Festival Folclórico, não é verdade?

Sim, todos nós já havíamos ido, várias vezes.

– Alguns anos atrás, o Festival Folclórico do Amazonas era realizado na Praça General Osório, que ficava em frente do Quartel do Exército, ali perto do Colégio Dom Bosco. Os militares cercaram toda a praça, acabando com um dos logradouros públicos mais importantes de Manaus.

– Quando a Praça General Osório ainda existia, havia uma piscina olímpica, cuja fonte de água era um monumento de bronze, referente à história que vou contar para vocês. Tratava-se de um grande jacaré, cuja cauda esta sendo devorada por uma onça. Era um monumento muito interessante. Tenho certeza de que os adultos, de hoje, ainda se lembram de sua existência.

– Que aconteceu com o monumento, Tia Teté? – perguntei.

– Acredito que ninguém saiba de seu paradeiro. Deve estar fazendo parte de alguma coleção particular.

Rita, indignada, complementou:

– Minha professora falou que muitos objetos pertencentes ao patrimônio público desapareceram da mesma maneira

que esse. Está vendo só? Eu gostaria de poder ver esse monumento. A senhora não acha, Tia Teté, que esse tido de atitude egoísta deveria ser considerado um crime?

– É um crime, Rita. Apenas não se sabe quem o cometeu. Ninguém dá notícia. Assim, esse crime torna-se completamente impune. Seria necessário que as autoridades estivessem interessadas em apurá-lo. Bem, tudo isso é muito triste, mas vamos, então, a história:

Segundo uma crença popular, a onça quando bem entende, devora totalmente a cauda do jacaré, sem que este faça sequer um movimento de protesto.

A explicação para este fato, segundo os antigos, é a seguinte:

Houve um tempo em que os jacarés eram em grande número. Mas eram tantos, que os outros animais, assim como os homens, já não podiam viver em paz. Ninguém conseguia mais ir buscar água na beira do rio, nem pescar. Os jacarés atacavam todo mundo.

A onça, nesse tempo, sofreu muita sede, além de ver muitos amigos seus serem atacados pelos jacarés.

Um dia, os homens se reuniram e resolveram, também, atacar os jacarés. Foi uma grande luta, mas os homens levaram a melhor. Os jacarés, portanto, foram reduzidos a pequenos números, passando a haver um maior equilíbrio na floresta. Os animais, assim, já podiam ir tranquilamente à beira do rio, restaurando-se a paz na vida de todos.

A onça, ainda muito zangada, pois não conseguia esquecer as humilhações pelas quais havia passado, resolveu perpetrar a sua vingança: chegou bem perto do jacaré e soltou o seu pavoroso esturro. O jacaré ficou totalmente paralisado de medo, e a onça devorou toda a sua cauda, sem que ele pudesse se

mexer. E assim, a onça, todas as vezes que se lembra daquele tempo, procede da mesma maneira. E é por isso, dizem, que existe muito jacaré por ai, sem a cauda.

Inês, que não havia perdido uma só palavra da história, foi logo dizendo:

– Agora eu entendo porque a mamãe sempre diz: “aqui se faz, aqui se paga”.

Tia Teté complementou:

– Esse ditado é bem antigo. Significa que o mal praticado, um dia se volta contra quem o praticou. Pois bem, vamos descansar crianças. Boa noite para todos!



A LENDA DO UIRAPURU

Estávamos no final do mês de junho. Tia Teté nos comunicou, que faria uma pausa nas nossas reuniões, porque passaria o mês de julho na casa de uma de suas irmãs. E explicou:

– Os filhos vão viajar de férias e eu irei para a casa dela, para lhe fazer companhia.

– Ah, Tia Teté! Nós ficaremos com muita saudade da senhora!
– disse a Rita.

– É mesmo!!! Dissemos em coro.

– Será apenas um mês. Vocês verão que passará depressa. Estarão de férias e terão muito tempo para ler e brincar. Quando eu voltar para casa, quero que me contem tudo, está bem? – disse a Tia Teté.

Ivana, então, perguntou:

– Então, hoje, qual é a história que a senhora vai nos contar? Tem de ser bem bonita!

– Bem, hoje, eu vou contar a a lenda do Uirapuru, um pássaro que, segundo a crença popular, possui o canto mais melodioso de todos e que, também, é um poderoso talismã.

Que é um talismã, Tia Teté? – perguntou a Ivana.

– É um objeto que possui poderes mágicos, possibilitando a realização de aspirações ou desejos. Tem muita gente que acredita nos poderes dos talismãs. Vocês devem imaginar, então, o quanto os povos mais antigos se valiam de magia, até

porque não podiam contar, como nós, com os conhecimentos científicos.

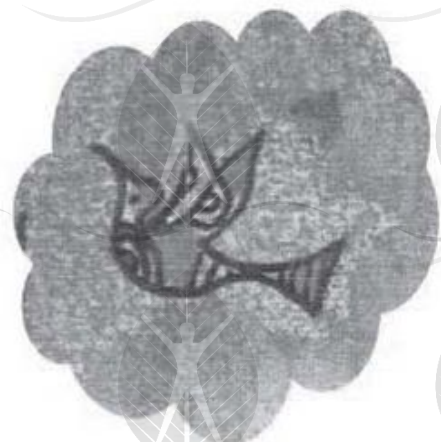
O Zeca, grande amante da música, falou:

– Eu conheço uma composição musical, de Waldemar Henrique, um artista paraense, cujo tema é o Uirapuru.

– Ah! Então cante para nós Zequinha! – pediu a Tia Teté.

Não se fazendo de rogado, o Zeca pegou do violão e cantou:

Certa vez de montaria
Eu descia o Paraná
E o Caboclo que remava
Não parava de falar
Ô, ô, não parava de falar
Ô, ô... que caboclo falador
Me contou do lobisomem
Da mãe d'água e do tajá
Disse do Jurutaí que se ri pro luar
Ô, ô que se ri pro luar
Ô, ô... que caboclo falador
Que mangava de visagem
Que matou Surucucu
Que jurou com pavulagem
Que pegou o Uirapuru
Ô, ô, que pegou o Uirapuru
Ô, ô... que caboclo tentador
Caboclinho meu amor
Arranja um prá mim
Ando roxo prá pegar
Unzinho assim
O diabo foi embora
E não quis me dar
Vou juntar meu dinheirinho
Prá poder comprar



Mas no dia que eu comprar
O caboclo via sofrer
Eu vou desassossegado
O bem-querer
Ô, ô, o seu bem-querer
Ô, ô... ora, deixa ele pra lá!



Todos nós aplaudimos a linda interpretação do Zeca. E, como estávamos fazendo uma série de perguntas sobre os termos utilizados pelo autor da música, Tia Teté sugeriu:

– É muito importante que vocês aprendam a utilizar um dicionário de Língua Portuguesa, sempre que não souberem o significado de uma palavra. Mas, já está ficando tarde, portanto, vamos ao que interessa.

Antes, é necessário que saibam, como eu já havia falado, que o Uirapuru é um pássaro de um valor extraordinário para o povo simples do interior da Amazônia. Quem já o viu, relata que é um passarinho escuro e de aspecto insignificante. Porém, o seu nome, significa na língua indígena, “ave verdadeira”.

Na verdade, o Uirapuru é considerado muito importante para o folclore amazônico, por duas razões: primeiro, pelo seu canto mágico; segundo, pelo seu poder, como amuleto de propiciar a felicidade no jogo, na caça, na pesca, nos negócios, nas viagens e no amor. E é esta segunda razão que o autor da música se refere.

Pois bem, dizem que Tupã estava muito zangado com o grande barulho proveniente da floresta. Por qualquer motivo, as aves faziam um verdadeiro alvoroço: chilreavam, gritavam... uma loucura! Tupã não aguentava mais! Estava sentado numa nuvem

branca, muito zangado e pensativo, quando ouviu um soluço. Ao olhar para baixo, sorriu. Era uma linda indiazinha, de seus treze anos de idade, deitada na relva, chorando.

Penalizado, Tupã desceu à terra e perguntou à indiazinha:

– Que tens? Por que choras?

– Ah, meu Senhor! Ururau, chefe da tribo, para escolher a esposa, havia determinado uma prova: venceria quem flechasse o anajé em pleno vôo. Araúna acertou – disse a indiazinha.

– Como te chamas? – perguntou novamente.

– Chamo-me Oribici... Ó Tupã, faz de mim uma ave, para que eu possa ver se, de fato, Ururau ama Araúna...

– Oribici – disse Tupã, atenderei a teu pedido. Porém, teu nome daqui pra frente será Uirapuru.

Naquele mesmo instante, das lágrimas de Oribici nascia uma nova fonte de águas claras. Oribici desapareceu, surgindo o Uirapuru, cujo canto mágico faz com que toda a floresta faça silêncio para ouvi-lo.

Tupã, ao realizar o desejo de Oribici, também resolveu o problema do barulho ensurdecedor que as aves viviam fazendo.

– Ah, Tia Teté! Gostei muito dessa lenda! – disse o Zeca.

Todos nós havíamos gostado. Mas saímos um pouco tristes, com a falta que a Tia Teté nos faria, com a sua ausência. Estaríamos esperando ansiosamente pela sua volta.







GRÁFICA MODERNA
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado



Portanto, durante milhares de anos os homens contavam apenas com o conhecimento empírico, que significa o conhecimento baseado apenas em sua experiência. Assim, tentavam explicar o mundo por meio de sua imaginação. E o resultado é que temos um vasto lendário amazônico, ou seja, o Amazonas é repleto de lendas.



ISBN 856421426-7
1 788564 214260

Secretaria de
Estado de Cultura



TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA